

O PANOPTICON 2.0 - UMA ANÁLISE SOBRE O MOODLE

Diogo Neves da Costa (Doutorando – UFRJ)
diogoncosta@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo visa refletir sobre o Moodle a partir do ponto de vista de suas relações de controle, para tanto, teremos como ponto de partida a reflexão realizada por Foucault sobre o Panóptico e aplica-la à realidade observada no Moodle, plataforma desenvolvida para apoio à aprendizagem. Os dados para análise foram recolhidos junto a uma turma de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante o 1º semestre de 2011 e tentou-se responder se essa relação de controle é percebida pelos alunos e se, ao percebê-la, ela causa certo mal estar ou desconforto. Como ferramentas de coleta de dados foram utilizadas questionários, entrevistas e diários de campos (relatórios), realizados ao longo do semestre.

Palavras-Chaves: Panóptico, Moodle, Ensino-aprendizagem

INTRODUÇÃO

Livre de valores em si, a tecnologia, para aqueles que a dominam, é capaz de ampliar e intensificar os resultados obtidos pelos seus usuários (indivíduo ou instituições) para seus diversos fins.

O controle seja para disciplinar, punir ou instruir apresenta com a evolução tecnológica uma mudança no que diz respeito as suas potencialidades. Pois, a observação deixa de ser somente síncrona, permitindo também que seja feita de forma assíncrona, cada vez mais precisa e ampla devido a grande capacidade de armazenamento, recuperação e sistematização dos dados.

A “facilidade” ao acesso à tecnologia permite que a própria sociedade seja guardiã da sua moral, ou, pensando em escala menor, que um grupo seja responsável pela constante “vigília”, aumentando a possibilidade de manutenção de seus próprios interesses. Um exemplo é um caso destacado na

mídia, publicado no dia 21/06/11 no jornal on-line do “globo esporte”¹, no qual foi criado pelos torcedores de um time carioca um “disque-denúncia” com o intuito de avisar quando um de seus jogadores mais conceituado saía para uma festa ou para um passeio qualquer, o que poderia diminuir seu rendimento no jogo.

Em relação à educação, a tecnologia não poderia deixar de influenciá-la, mesmo que ela não seja capaz de garantir o aprendizado, ela é capaz de aperfeiçoar as condições necessárias (sendo esse valor flutuante) ao aprendizado, verificá-lo e controlá-lo.

Trabalharemos a partir destes dois conceitos últimos, o de verificação e controle, visando refletir até que ponto ele é realmente necessário e se há possíveis exageros.

Sendo esse tema muito vasto e o trabalho ainda em escala inicial, definimos a plataforma Moodle e sua aplicação em uma turma de ensino superior em uma universidade federal brasileira como ponto de partida. A observação durou apenas um semestre e os dados foram recolhidos através de entrevistas, questionários e diários de campo.

Esta pesquisa está dividida em pequenos momentos. O primeiro seria uma breve explicação da figura do Panóptico, relacionando-o a educação, base inicial de nossa reflexão, em seguida uma análise do Moodle e suas ferramentas de controle. A terceira parte do artigo é dedicada à exposição da realidade recortada e uma análise dos dados coletados, observando como os alunos perceberam o uso do Moodle, mas dando ênfase à percepção do controle e avaliação pela ferramenta. Começamos assim nos detendo um pouco sobre a figura do Panóptico.

O Panoptismo 2.0 e a escola

A princípio o Panóptico seria um modelo de prisão na qual seus presos, divididos em celas, teriam a noção de estarem sendo observados do alto de uma torre, todo o tempo, ainda que não o fossem. Esse projeto foi idealizado

¹ <http://globoesporte.globo.com/platb/primeiramao/2011/06/21/%E2%80%98disque-dentuco%E2%80%99-vigia-passos-de-ronaldinho-na-noite/>

por Bentham em 1787 (Correio, 2010; p.177). E, apesar de tentativas reais da construção dessa estrutura, não só para prisões, mas também como “Panopticon-empresa” para vigiar seus funcionários (Russia, 1803), esse projeto foi abandonado devido ao seu alto custo operacional. (XAVIER & GODOI, 2010; p.93):

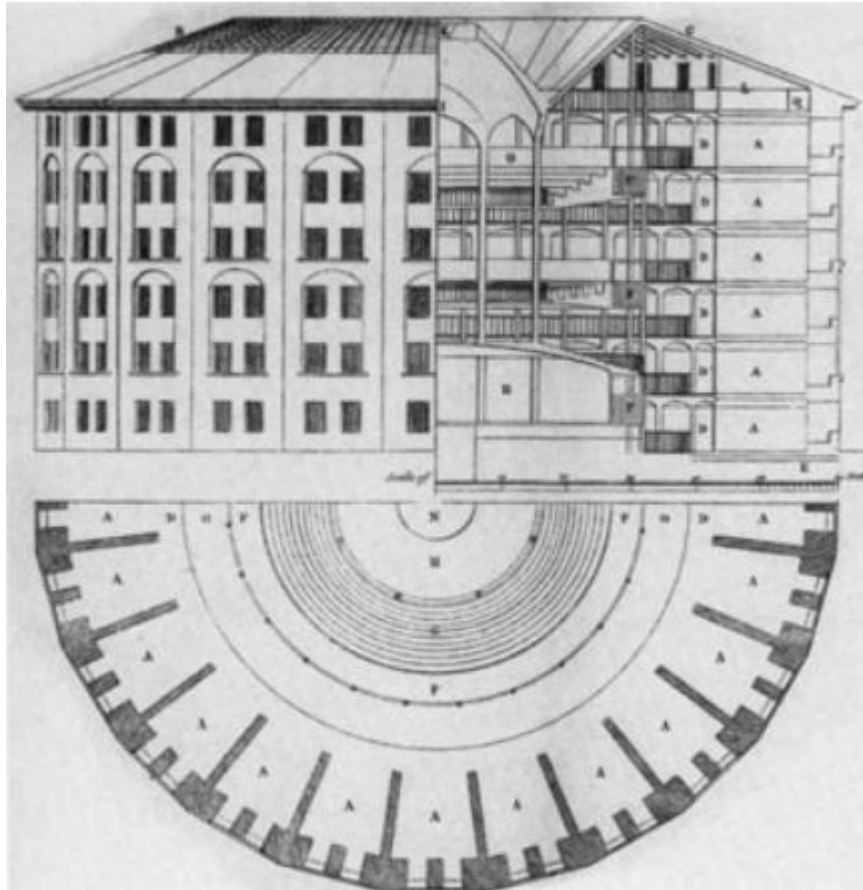


Figura 1: O Panopticon
Fonte: Bentham (1995)

Entretanto, é Foucault que analisa a fundo o Panóptico como estrutura de controle e dominação, não somente em prisões, mas em escolas, hospitais e organizações militares (GODOI & XAVIER, 2010 p.94)

Foucault descreve em seu livro “Surveiller et Punir” (1975) o Panóptico da seguinte forma:

“Le Panopticon de Bentham est la figure architecturale de cette composition. On en connaît le principe : à la périphérie un bâtiment en

anneau; au centre, une tour; celle -ci est percée de larges fenêtres qui ouvrent sur la face intérieure de l'anneau ; le bâtiment périphérique est divisé en cellules, dont chacune traverse toute l'épaisseur du bâtiment ; elles ont deux fenêtres, l'une vers l'intérieur, correspondant aux fenêtres de la tour; l'autre, donnant sur l'extérieur, permet à la lumière de traverser la cellule de part en part. Il suffit alors de placer un surveillant dans la tour centrale, et dans chaque cellule d'enfermer un fou, un malade, un condamné, un ouvrier ou un écolier.”(FOUCAULT, 1975 p. 201)²

Podemos considera-lo, do ponto de vista alegórico, o Panóptico como: qualquer instituição que visa o controle de seus participantes, dando-lhes a sensação de uma observação ininterrupta. E Foucault (1975) faz, então, uma análise das características dessa estrutura.

Marcaremos em negrito e numeraremos as passagens do texto que serão discutidas com maior ênfase ao final desta mesma seção.

Segundo Foucault (1975, p. 202) o sistema do Panóptico traz como vantagem, a partir da separação dos seus participantes e sua constante observação, a impossibilidade, como ocorria no sistema carcerário antigo, de haver “massas” homogêneas e não separáveis, ou seja, o Panóptico torna essas massas em figuras classificáveis. **(1) O sujeito passaria a ser um objeto de informação, entretanto jamais de comunicação.**

Ainda segundo Foucault (1975, p. 202-203) o grande efeito produzido pelo Panóptico é induzir no detento um estado consciente de permanente visibilidade, sendo que, na realidade, **(2) essa observação pode ser descontínua, pois o importante é que o detento acredite estar sendo observado.** Sendo assim, o princípio do poder é visível, mas inverificável.

Outra característica exposta por Foucault é que **(3) o sistema panóptico pode funcionar como um sistema de observação dos próprios**

² “O Panóptico de Bentham é a figura arquitetônica dessa composição. Seu princípio é conhecido: Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é composta por grandes janelas que se abrem para a face interior do anel; a construção periférica é dividida em celas. Cada uma atravessa toda a espessura da construção; elas possuem duas janelas, uma em direção a seu interior, correspondendo à janela da torre; outra, em direção ao seu exterior, permitindo que a luz atravesse a cela de uma ponta à outra. Basta, então, colocar um vigia na torre central e em cada cela aprisionar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar” (Tradução minha)

mecanismos panópticos, permitindo que seja verificado rapidamente o funcionamento de todo o estabelecimento, julgando-o, impondo um método e seu funcionamento, da mesma forma que o vigilante faz aos vigiados. (Foucault 1975 p.204).

E finalmente, segundo Foucault (1975, p.204), Bentham acreditaria que **(4) para que o sistema Panóptico funcionasse bastaria que as separações fossem nítidas e as aberturas bem dispostas (para a entrada da iluminação).**

Ao transportarmos essas perspectivas para a escola, é através de sua reorganização espacial da sala de aula, determinando lugares individuais, que torna possível o controle de cada indivíduo e o trabalho simultâneo de todos. Fazendo da escola uma máquina de ensino, mas também de vigilância, de hierarquia e de recompensa. (Foucault 1975, p.142-143).

A própria organização das carteiras numa sala de aula presencial tende a reproduzir o modelo panóptico, em maior ou menor escala. Entretanto, ao organizarmos a escola em fileiras, teríamos falhas no modelo panóptico, pois, apesar de, como afirma Grumet (1988, p.111).

“Através do arranjo dos estudantes em fileiras, todos os olhos voltados para a frente, confrontando diretamente a nuca do colega, encontrando apenas o olhar da professora.”

Esse tipo de disposição permite que o aluno se “esconda” atrás de outros colegas, e permite uma interação entre seus colegas mais próximos, que se encontram a sua direita ou a sua esquerda, com menor possibilidade de intervenção do professor.

No modelo circular, entretanto, como podemos observar abaixo na figura 2, a própria imagem dessa turma lembra o desenho panóptico, no qual o professor no centro pode vigiar todos os alunos, sem possibilidade dele se esconder atrás de seu colega e, sendo assim, todo discurso realizado com seus companheiros, pode ser ouvido, vigiado, punido e recompensado pelo professor com maior facilidade.

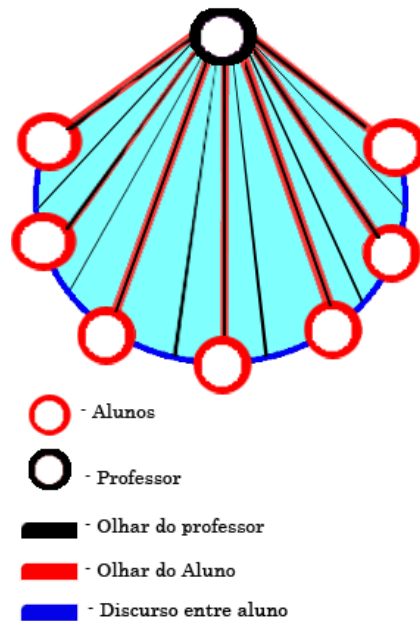


Figura 2: Sala de aula semicircular
Fonte: autor

Gore (1994, 15) afirma que:

“O círculo abre a possibilidade de que todo estudante manifeste sua opinião e de que seja ouvido. Com os estudantes sentando no chão ou em cadeiras móveis, elas são libertadas dos limites restritivos de suas carteiras, onde ficam separadas entre si.”

Mas a própria autora entende que essa prática nada tem de inerente libertação, assim como nada tem a formação em fileiras de inerente opressão:

“Muitas de nós, que nos dedicamos ao ensino, usamos um arranjo circular alguma vez, com esse tipo de intenção. Foucault, Sawicki e outros (p. ex., Walderdine, 1985, 1986) nos ajudam a compreender que não existe nada inerentemente libertador nessa prática, mesmo quando localizada no interior de um discurso radical, e nada inerentemente opressivo em nossas tradicionais fileiras de carteiras” (GORE, 1994. p.15)

Deve-se chamar a atenção, entretanto, que o modelo panóptico primeiro não era capaz de dar conta da demanda ao qual ele se propunha, de gerar corpos dóceis, uma vez que em sua essência ele dá conta apenas do indivíduo, mas não da interação entre esses indivíduos. Sendo assim, uma das críticas a esse modelo é que ele não seria capaz de criar corpos dóceis à sociedade, como afirma Godoi & Xavier, 2010 p.94: Uma crítica apontada ao *panopticon* é justamente a sua incapacidade de gerar elementos dóceis, adaptados ao convívio social, já que não promove mudanças em seu comportamento, apenas os encarcera.

Sendo assim, não bastaria controlar os indivíduos, mas também suas interações, algo que vinha sendo feito na sala de aula em fileira, aperfeiçoado na sala de aula em círculo e agora pode se ampliado na educação semipresencial e a distância uma vez que permite o que era até o momento impossível com a interação síncrona, mas totalmente possível com a interação assíncrona, *determinar e avaliar, caso deseje, quais serão as realizações enunciativas realizadas por determinado aluno, antes que seja vista pelos demais.*

O professor detém um poder de “viajar no tempo”, podendo consertar o discurso de seu aluno e, se preciso for, “puni-lo” por um discurso que nem poderá ser apagado em seguida e talvez nem chegue aos olhos de seus colegas.³

O próprio modelo escolar contemporâneo brasileiro, segundo os parâmetros curriculares nacionais, explicita claramente que não há um interesse apenas no indivíduo, mas também, e **sobretudo** na sua interação com o grupo, com a coletividade: Além disso, é necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. (PCN.1996, p.28)

Não há o interesse apenas no indivíduo, como se observa no PCN, mas nas suas interações discursivas. Acredita-se aqui, que a tecnologia não cria essa demanda pelo controle, mas a atende de forma mais efetiva. Encontramos, então, no Moodle uma ferramenta que pode atender melhor a essa demanda.

Entretanto, antes de adentrar nas ferramentas de controle do Moodle, cabe refletir sobre as premissas desse “novo planoptismo”, para em seguida observamos como elas se dão dentro do nosso recorte.

1) O sujeito seria um objeto de informação, mas nunca um sujeito de comunicação.

³ Deve-se deixar claro que não afirmamos que isto aconteça, nem que somos a favor desses atos, apenas dizemos que é uma possibilidade real, caso levemos a proposta do controle as suas máximas consequências.

Como se pode perceber, no novo modelo de panoptismo o sujeito não é mais apenas um objeto de informação, mas também um sujeito de comunicação, uma comunicação que deve ser controlada, condicionada e previsível.

Se na sala de aula presencial o professor deve estar atento a cada processo interativo, repreendendo aqueles que não estão de acordo com a expectativa da disciplina, no universo digital, o professor⁴ pode selecionar, inclusive, os processos interativos que deverão permanecer ou apagá-los (no caso dos fóruns).

(2) essa observação pode ser descontínua, pois o importante é que o detento acredite estar sendo observado.

Se do ponto de vista presencial essa premissa continua sendo válida, do ponto de vista on-line não há mais a necessidade de que o detento “acredite” que está sendo observado, mesmo que não o esteja sempre, através da possibilidade de armazenamento e recuperação de dados poderá, a qualquer momento ser avaliado, controlado e observado. Não precisamos mais convencê-lo que ele está sendo observado o tempo todo, pois de fato ele está.

(3) o sistema panóptico pode funcionar como um sistema de observação dos próprios mecanismos panópticos, permitindo que seja verificado rapidamente o funcionamento de todo o estabelecimento, julgando-o, impondo um método e seu funcionamento, da mesma forma que o vigilante faz aos vigiados.

O que chama a atenção nesta passagem é o fato de que não é mais possível delimitar claramente quem seria o vigiante e quem seriam os vigiados, pois ao mesmo tempo em que o professor vigia os alunos, ele é vigiado pelos seus alunos, de forma que sua má conduta pode ser punida. O diretor da escola é vigiado pelo corpo docente e discente. E a própria sociedade como um todo vigia o funcionamento da escola.

⁴ Não faremos distinções aqui entre tutores, monitores e professores, usando o termo que consideramos mais abrangentes dentre eles.

De dentro do seu lugar discursivo, cada participante precisa exercer de forma correta suas ações, correspondendo às expectativas que os demais participantes desse discurso têm do outro.

Seria o que Bauman (1999, p. 60) chama de Sinóptico, no qual muitos vigiam poucos:

“O Sinóptico é, por sua natureza, global; o ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. Não importa mais se os alvos do Sinóptico, que agora deixaram de ser os *vigiados* e passaram a ser os *vigilantes*, se movam ou fiquem parados.”

Sendo assim, cada vigiado é também um vigilante, vigilante que é vigiado por vários e ao mesmo tempo.

(4) para que o sistema Panóptico funcionasse bastaria que as separações fossem nítidas e as aberturas bem dispostas (para a entrada da iluminação).

Fica muito claro que não há o interesse, no modelo social vigente, que o sistema panóptico funcione se para isso for necessário separar os indivíduos, pois é o controle de suas relações discursivas que interessam, com o intuito da manutenção da própria sociedade.

Não sendo interesse deste artigo, nem possível, observar como se dá esse controle em escala global e tendo o intuito de abordar a questão da educação e o controle dentro do ensino on-line, cabe então recortamos um pouco mais essa realidade. De forma que daqui em diante apresentaremos como se dá essa forma de controle dentro da ferramenta Moodle e em seguida como seus participantes sentem a questão do controle e observação dentro da ferramenta.

O Moodle

O Moodle é o acrônimo de **M**odular **O**bject-**O**riented **D**ynamic **L**earning **E**nvironment (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos). Em suma, ele é um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que

permite ao seu usuário, sem muito esforço, configurá-lo através de diversas ferramentas disponíveis (Atividades, Blocos e Recursos) com intuito de favorecer a aprendizagem.

Em relação à organização do Moodle e seus participantes há três funções disponíveis na sua versão 1.9: Professor/Administrador, Moderador e estudante.

O professor/administrador é o único dentre os três que pode editar o conteúdo do curso. O perfil de moderador e estudante só têm acesso ao conteúdo disponibilizado, sem a possibilidade de alterar os dados inseridos pelo professor/administrador. (FRANCO 2009 p, 56)

Sobre suas ferramentas, o Moodle apresenta uma série de recursos interativos, a saber,⁵:

Fórum - Ferramenta de comunicação assíncrona onde todos podem ver o que todos fazem, ainda que não ao mesmo tempo.

Chat - Permite uma comunicação escrita síncrona entre professores, tutores, convidados e alunos.

Enquete – A partir de uma pergunta os alunos podem escolher uma opção dentre as possibilidades expostas

Glossário - O Glossário do Moodle é colaborativo e permite aos participantes criarem:

Dicionários de termos relacionados com a disciplina.

Bases de dados documentais ou de arquivos.

Galerias de imagens ou links que podem ser facilmente pesquisados.

Diário - Permite que o aluno construa, por exemplo, textos reflexivos orientados pelo professor/tutor.

⁵ Para maiores informações consultar: <http://docs.moodle.org>

Questionário - Permite elaborar questões com diferentes formatos de resposta.

Tarefa – Exercícios que devem ser entregues pelos alunos ao professor.

Wiki - possibilita a construção de um texto em conjunto, com vários participantes, onde todos podem editar e dar contribuições.

Lição - Possível apresentar o conteúdo em um número de páginas, terminando geralmente em uma pergunta.

Base de dados - As bases de dados têm algumas semelhanças com o Glossário, mas dão mais liberdade ao professor para criar campos específicos a serem preenchidos pelos alunos.

E em relação as suas ferramentas administrativas, temos (referente ao usuário com função de professor) as seguintes: Configurações, designar funções, notas, grupos, backup, restaurar, importar, reconfigurar, relatórios, perguntas, arquivos e perfil.

Em relação às ferramentas administrativas, é a ferramenta relatório que nos interessa, sendo assim será essa que será observada daqui em diante.

Esta ferramenta pode ser dividida em dois grupos: “relatórios das atividades” e “relatório de participação”. Esse relatório permite ao professor/tutor obter, de cada aluno, seu horário de acesso, o endereço de IP do computador utilizado pelo usuário, além de todas suas ações (downloads, páginas vistas, postagens etc) e quanto tempo ele levou para realizar determinada atividade.

É possível ainda, através da ferramenta relatório, observar o número de acessos em cada atividade e a data da última visita realizada pelo participante.

Como se pode perceber, a potencialidade de observação permitida ao professor é alta, cabendo, então, uma reflexão sobre como e para que fins o professor deverá utilizar sua possibilidade de controle.

Seria interessante, em novas pesquisas, observar como em diferentes realidades de uso da plataforma Moodle esse controle é utilizado para determinar o nível de aproveitamento do curso, entretanto, neste momento, pretendemos observar como os alunos percebem, ou não, essa questão do controle. Daqui em diante, contudo, se faz importante ressaltar o lugar no qual a pesquisa está inserida.

O projeto letras 2.0 e a turma observada.

O projeto letras 2.0, coordenado pela Profa. Dra. Kátia Tavares é desenvolvido pelo núcleo de pesquisa Linguagem, Educação e Tecnologia (LingNet) e tem como objetivo básico oferecer condições para o desenvolvimento de cursos semipresenciais e a distância através da Plataforma Moodle dentro da comunidade da Faculdade de Letras da UFRJ, assim como propiciar o desenvolvimento de pesquisas na área de educação a distância. Como podemos observar na chamada retirada da página do curso:

“Letras2.0

O **Projeto Letras2.0**, desenvolvido pelo núcleo de pesquisas **LingNet** e coordenado pela Profa. Dra. Kátia Tavares, visa oferecer à comunidade da Faculdade de Letras da UFRJ condições para ampla oferta de disciplinas e cursos de extensão na modalidade on-line (semipresencial ou totalmente a distância) com uso da Plataforma Moodle, bem como criar oportunidades para desenvolvimento de pesquisas na área de educação a distância e para formação de docentes que atuem nessa modalidade.

Além da **coordenadora geral** do Projeto (Profa Dra. Kátia Tavares), do **administrador do sistema** (doutorando José Paulo de Araújo) e dos **monitores de apoio técnico** (graduandos Bruno Andrade e Nathalia Alves), que constituem a equipe de infraestrutura, estão envolvidos no Projeto:

- 19 docentes da Faculdade de Letras da UFRJ (de 4 departamentos e 7 setores diferentes: Inglês, Espanhol, Italiano, Francês, Português, Português Língua Estrangeira, Latim), que ministram ou preparam cursos no Moodle do **Letras2.0** como parte integrante ou complementar de disciplinas de Graduação;
- 20 pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) de três diferentes Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, que atuam como assessores dos docentes;
- 15 graduandos, que atuam como monitores de disciplinas de Graduação;

- 4 monitores do Projeto CLAC, que ministram ou preparam cursos no Moodle do **Letras2.0** como parte integrante ou complementar de cursos do CLAC;
- alunos de 20 disciplinas de Graduação e de 2 cursos do CLAC que estão sendo ministrados em 2011.1 com uso de um ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido na plataforma Moodle do **Letras2.0**.⁶

Em relação à turma observada tínhamos um grupo composto por 12 alunos, com idade média de 20 a 30 anos, todos estavam no terceiro semestre do curso de letras português/francês. A disciplina observada se intitulava “fundamentos da cultura francesa” e foi a primeira vez que o Moodle seria usado para tal disciplina, assim como foi a primeira vez que os alunos e o professor regente do curso teriam contato com o AVA (Moodle).

Segundo o professor, o Moodle seria usado de forma “experimental”, não tendo a intenção, neste momento, de usá-lo de maneira rígida e que seu objetivo era conhecer melhor a ferramenta e suas possibilidades de uso.

Sendo assim, ao longo do curso houve três fóruns baseados nos grandes temas das aulas e no final uma tarefa que seria o trabalho final da turma. Todos os alunos eram obrigados a participar, uma vez que esses exercícios estavam diretamente ligados à média final dos alunos.

Dito isto, cabe afirmar que durante o curso, do qual o pesquisador participou presencialmente (durante a primeira metade do curso), os dados foram coletados através de observação empírica, diários de campo, entrevista com o professor da disciplina e um questionário passado aos alunos no final do curso.

Para os objetivos desta pesquisa daremos mais ênfase aos questionários, estes visavam determinar quais seriam as perspectivas dos alunos em relação ao uso do Moodle. Seus fatores positivos e negativos observados, se ele deveria continuar sendo usado na aula, se ajudou (o aluno percebeu ou não) no aprendizado e, principalmente, como ele percebeu o sistema de avaliação pautado na participação no AVA e a possibilidade do professor ter acesso aos dados de sua hora, dia e tempo de estadia no AVA.

⁶ <http://www.lingnet.pro.br/pages/letras2.0.php#ixzz1SYh8aWTH>

Observamos que, em relação à avaliação geral, todos os alunos classificaram o Moodle como interessante, justificando que possibilitaria uma maior interação entre eles, facilitando a entrega dos trabalhos, a retirada de dúvidas e, segundo um deles, é mais ecológico por eliminar a necessidade de impressão dos trabalhos.

Citação 1

“Uma boa ferramenta, além de poder colocar material extra sala de aula, também podemos integrar com outros alunos de período mais avançado ou até mesmo de outro curso”.

Citação 2

“Um programa interessante que permite uma nova maneira de se comunicar com os alunos e de partilhar materiais de forma econômica e ecológica.”

Ao serem questionados se eles gostariam que a ferramenta continuasse sendo usada em sala, a maioria diz que sim, mas colocam em seguida uma condição para tal uso. (1) Diminuir o tempo presencial, (2) usá-lo, somente como repositório de conteúdo:

Citação 3

“Acho que por ser um novo método, precisa utilizá-lo pouco a pouco para que os alunos se acostumem”.

Citação 4

“Acho que ele deveria apenas ser usado para publicação de textos dados em aula e arquivos para baixar, possibilitando aos alunos todos os materiais do curso”

Citação 5

“Penso que, se determinado tempo de aula *in loco* for substituído por atividades via Moodle, o programa teria sua função exercida plenamente”.

O que se observa então é que, apesar de ter havido apenas 4 fóruns ao longo da disciplina, os alunos se sentiam sobrecarregados com o uso da ferramenta. Segundo eles, devido a soma do Moodle com as demais disciplinas da graduação.

E, podemos supor também, que outra dificuldade que se impunha era o fato dos alunos não terem alta proficiência em língua francesa e, sendo os fóruns, o Moodle e a própria disciplina toda ministrada no idioma, a linguagem se colocou como mais uma barreira para o uso da ferramenta.

Em relação aos alunos que dizem não a continuidade do uso do Moodle, suas justificativas são (1) devido ao fato do curso ser “presencial” ou que (2) não houve, de fato, a interação que poderia haver no AVA.

Citação 6

“Não. Devido ao aluno já ter aula presencial, acho que o Moodle é um pouco esquecido, deixado de lado”

Citação 7

“Não. Seria interessante se as pessoas participassem com frequência e conversassem. Coisa que não acontece, talvez, devido a fatores como falta de tempo, horários diferentes, etc...”

Em relação aos pontos positivos da ferramenta, a grande maioria dos alunos julgou que foi o acesso aos textos:

Citação 8

“Ter acesso aos arquivos e textos”

Citação 9

“Como aluna, posso estudar o texto que será colocado no Moodle tranquilamente em casa, sem preocupar-me com peso de livros que traria para a faculdade”.

Citação 10

“Acervo (biblioteca virtual) de textos extra-classe, troca de informação, propostas de exercícios, facilitar a entrega de trabalhos”

O que observamos até esse ponto é que a primeira imagem dos alunos em relação à ferramenta foi a de estar diante de um repositório de textos, assim como poderíamos ter criando uma conta no “4Shared”, um grupo do “Yahoo” ou “Gmail” ou ainda criando uma conta de e-mail para acesso da turma com o intuito de armazenar os textos das disciplinas.

Acredita-se então que o desafio do professor diante com uma turma inexperiente com o uso do Moodle será duplo, pois além de desenvolver a disciplina ele terá de demonstrar quais são as potencialidades deste AVA, que ultrapassaria a de um “repositório de arquivos”.

Ao serem questionados sobre os pontos negativos da ferramenta, começamos a observar um desconforto em relação à possibilidade de controle dada ao professor pela ferramenta, pois, apesar de alguns alunos citarem problemas específicos como a “precariedade do editor de textos” e outros dizerem que o uso do Moodle é negativo porque “dá ao curso cara de curso semipresencial”. Muitos alunos expressam descontentamento com o fato de

que eles, também, são avaliados pela presença na ferramenta e precisam entregar o trabalho virtualmente, o que, segundo eles próprios, exigiria maior organização.

Citação 11

“A avaliação de presença. Acho que não é possível avaliar o interesse de um aluno através de uma ferramenta, pois cada um tem uma maneira de estudar e buscar conhecimento”

Citação 12

“Data de entrega à distância!!!”

Citação 13

“A diagramação não é muito intuitiva, o site é confuso, não é muito dinâmico. Além disso, acho que os alunos acabam não sendo estimulados, mas pressionados a participar. Talvez (posso estar errada) um tratamento um pouco mais informal pudesse tornar o fórum mais atraente.”

Sendo assim, mesmo em uma pergunta mais ampla como: Qual foi o fator negativo do Moodle, já observamos que alguns alunos se sentiram pressionados, indicando um possível “mal-estar”.

Entretanto, devemos lembrar que esse controle também ocorre, ainda que de forma diferente, em sala de aula presencial. O fato dos alunos terem tido o primeiro contato com essa ferramenta neste semestre poderia justificar esse “mal estar” inicial.

Ao serem questionados sobre o fato do uso do Moodle mudar de forma positiva ou negativa a forma de aprendizado, aperfeiçoando-o ou não. Alguns alunos, mais uma vez chamam a atenção para o processo avaliativo do curso pautado também pela participação no Moodle.

Citação 14

“O curso via Moodle exige mais de trabalho e dedicação, visto que ele é utilizado como forma avaliativa do curso”

Citação 15

“O curso poderia existir sem o Moodle como forma de avaliação, Acho que todos os trabalhos poderiam ser entregues para a professora em sala de aula. O moodle poderia servir apenas como apoio para o curso”

Citação 16

“Sim, os usuários, em sua maior parte, não se sentiam estimulado, mas pressionados a utilizá-lo.”

Contudo, o que mais chama a atenção é que boa parte dos alunos mesmo se dizendo pressionados, avaliam o sistema de avaliação por participação como algo positivo:

Citação 17

“Positivo, pois estimula o uso da ferramenta”

Citação 18

“Positivo, pois podemos ver o que erramos e vemos o que mais a turma errou para que possamos nos corrigir juntos, e também o erro nosso pode servir de auxílio para o outro.”

Dos que disseram categoricamente que seria algo negativo. Eles afirmam que é muito mais importante “a aula presencial” ou dizem que “alguns alunos” não gostaram do método. (quem?):

Citação 19

“Negativo. Considero muito mais importante a avaliação presencial na qual a professora poderá nos auxiliar de forma mais direta.”

Citação 20

“Acho que algumas pessoas não concordam com esse tipo de avaliação, até porque nem todos temos tempo hábil para acessá-lo”

Foi questionado, então, se os alunos foram informados diretamente dessa possibilidade de controle do professor, podendo, o professor verificar sua hora de acesso, dia e participação no AVA e se isso os incomodava, os alunos disseram que foram sim informados sobre este fato, mas a grande maioria dos alunos disse não se sentir incomodada pelo uso de ferramentas de controle, apesar de alguns a acharem desnecessário.

Entretanto, essa afirmação de que as ferramentas de controle não os incomodam tornam as respostas contraditórias, pois ao mesmo tempo em que eles dizem sentir um mal-estar ao serem avaliados e obrigados a participar do AVA, eles dizem não se sentirem importunados pelo poder de controle dado ao professor, supõe-se, então, que os alunos não se importam de que o professor tenha o poder de vigiá-los, mas se importam de que ele exerça esse poder para obriga-los a interagir e participar no AVA. Ou seja, não é o fato de ser observado que os incomoda, mas o fato de serem obrigados a realizarem as tarefas por poderem ser observados na ferramenta.

Citação 21

“Não me incomoda, pois relata ao professor o interesse do aluno sobre as disciplinas que estão no Moodle.”

Citação 22

“Não me incomoda este “rastreo” de dados. Só acho que o tempo de utilização no Moodle não define precisamente o ensino e aprendizagem da matéria, mas sim as participações em sala de aula.”

Citação 23

“Nunca me incomodou. Com isso não vejo problemas”

Citação 24

“Não me incomodou em momento algum”

Para alguns o fato de serem observados causou um grande mal-estar:

Citação 25

“Acho que o mais importante não é saber quando e que horas eu entrei no Moodle, mas sim a minha presença em sala, tirando dúvidas diretamente com a professora. Utilizar o Moodle durante 3 horas por dia não significa que eu esteja mais envolvida que o meu colega de sala que participa de forma presencial.”

Citação 26

“Fui informada, mas um tempinho depois, e percebi que alguns alunos não sabiam quando comentei. Incomoda, de certa forma. Na minha opinião, acaba gerando um certo mal estar.. mesmo que pelo simples fato do aluno poder acabar se sentindo vigiado, pressionado. Acho um pouco desnecessário.”

E como ultima pergunta do questionário, questionou-se aos alunos se o fato de o professor, através do Moodle, poder verificar a hora em que o aluno entra no AVA e as atividades realizadas é um fator crucial para a participação.

Dos 12 alunos três deram respostas fechadas, apenas dizendo “não”, dos demais tivemos três que disseram não e justificaram suas respostas da seguinte forma:

Citação 27

“De forma alguma. Os trabalhos propostos tiveram datas fixas para entrega. Desde que o professor verifique nesta data o Moodle ou nas primeiras horas do dia seguinte, não importa quando o aluno o fez”.

Citação 28

“Não há problemas em o professor ver a que horas o alunos entra, no caso é bom, pois o professor percebe se o aluno está Interessado ou não em navegar no Moodle.”

Citação 29

“Não. De qualquer forma o professor saberia se eu fiz ou não, pois ele teria um papel em mãos.”

Dos que disseram que sim, maioria dos alunos, mas dois deles através de respostas fechadas, temos como justificativas as seguintes:

Citação 30

“Sim. Pois é utilizado como método avaliativo”

Citação 31

“Sim, pois o professor além de avaliar o trabalho entregue, ele pode avaliar o desenvolvimento do mesmo, o interesse e etc.”

Citação 32

“Sim, pois ele poderá avaliar melhor o seu aluno, por isso que muito se preocupam em fazer todos os exercícios indicado pelo Moddle.”

Citação 33

“Sim, me sinto pressionado a participar das atividades.”

Algumas observações se fazem importante em relação às motivações das respostas dadas pelos alunos. Primeiramente é necessário observar que dentro deste curso, apesar do professor poder verificar a que horas o aluno entrou na plataforma e o desenvolvimento do trabalho, não houve um número mínimo ou máximo de interações obrigatórias aos alunos para obter a nota, pois foi avaliada a qualidade de suas participações.

Da mesma forma, não houve peso em relação ao dia em que o aluno postou seus comentários, ou seja, indiferente da data-limite para postagem estar mais próxima ou não as notas máximas possíveis de serem adquiridas foram as mesmas.

Isso explica as “citações” número 27 e 29, entretanto, como já fora presenciado pelo pesquisador, mas não entraremos em detalhes, há cursos que dão pesos diferentes para datas de postagens diferentes. Quanto mais perto do fim da discussão, menor é a nota total que o aluno poderá obter. Assim como há um número mínimo de postagens que cada aluno deve realizar em cada discussão.

E, ao observarmos mais de perto a relação de controle do Moodle com a figura alegórica do Panóptico fomos capazes de traçar o seguinte quadro de diferenças e semelhanças:

PANÓPTICO	MOODLE
O sujeito passaria a ser um objeto de informação, entretanto jamais de comunicação.	O Sujeito é um objeto de comunicação.
Essa observação pode ser descontínua, pois o importante é que o detento acredite estar sendo observado.	Essa observação é contínua, pois ao ser assíncrono o observador pode recuperar os dados quando o desejar.
Para que o sistema Panóptico funcionasse bastaria que as separações fossem nítidas e as aberturas bem dispostas (para a entrada da iluminação).	Não é mais interessante separar os indivíduos, pois o interesse está no controle das suas interações.
O Panóptico (Moodle) pode funcionar como um sistema de observação dos próprios mecanismos panópticos, permitindo que seja verificado rapidamente o funcionamento de todo o estabelecimento, julgando-o, impondo um método e seu funcionamento, da mesma forma que o vigilante faz aos vigiados.	

Cabem lembra, entretanto, que essas características observadas no Moodle não são características exclusivas deste AVA, mas sim das figuras contemporâneas de vigilância e controle. Sendo assim, cabem algumas conclusões.

CONCLUSÕES

Ao longo deste trabalho podemos observar que o Moodle oferece diversos recursos de controle, mas que alguns se mostraram, até o momento, mais úteis que outros.

Recursos para verificar a presença e a participação no AVA foram muito utilizados ao longo do curso, mesmo que não tenha sido determinante para a nota do aluno, pois as notas, como já exposto, foram dadas pela qualidade da participação e não pela quantidade do acesso. Entretanto, foi através dessa ferramenta que o professor pode chamar a atenção dos alunos não participativos, evitando assim uma possível reprovação ou dando a oportunidade de obter um melhor rendimento na matéria.

O fato de sabermos o número de IP do computador de acesso do usuário, entretanto não se mostrou relevante, acredita-se então que a motivação dessa ferramenta não está ligada ao controle do aluno, mas sim para evitar fraudes e “crimes virtuais”, motivo pelo qual a maioria dos sites identificam o IP de seus usuários.

Cabem, então, novas pesquisas verificando o uso das ferramentas administrativas para determinar até que ponto elas são utilizadas e de que forma para avaliar o desempenho dos alunos em diferentes modelos de cursos. E, uma vez que diversas pesquisas forem realizadas, poderemos verificar se há um excesso de recursos ou ausência, além de refletir sobre suas formas de uso.

O Moodle se mostrou, em relação ao controle, muito eficiente, pois permite, no nível máximo de sua possibilidade, controlar, inclusive, as formas das interações entre os indivíduos, uma vez que o professor é muito mais capaz, ao contrário da sala real, de permitir ou não que determinado discurso chegue aos demais alunos.

O professor pode mesmo modificar o discurso do aluno para “consertá-lo” (Seja em nível simples, como o gramatical, ou mais complexo, como semântico). Lembra-se ainda que o próprio aluno não tem direito de mudar seu

discurso depois de trinta minutos dele realizado e postado, perdendo seu direito sobre seu próprio discurso.

Em relação aos alunos, observamos que eles entendem o Moodle como uma ferramenta com potencial para auxiliá-los no desenvolvimento de seu aprendizado, entretanto demonstraram se sentir mais pressionados do que motivados pela nova ferramenta. Pode-se supor que esse fato se deu mais pela inabilidade inicial de manuseio da ferramenta e a mudança do paradigma de ensino, obrigando-os a aprender primeiro a manusear a ferramentas, antes de aprender através dela, do que por outros fatores inerentes ao controle. Pois como podemos perceber, a escola, presencial ou à distância, continua com seu papel de criar um indivíduo capaz de ser útil ao seu meio social. Lembrando que ser útil ao meio social não significa um indivíduo necessariamente dócil e incapaz de refletir, questionar ou mudar a realidade no qual se encontra.

Conclui-se, então, que o Moodle permite novas formas de controle, características mais relativas ao universo digital em si do que ao próprio AVA. E é o universo digital que permite essa nova forma de interação entre as partes, antes “cara a cara” e agora “tela a tela”. O Moodle é apenas um microcosmo de todo esse universo cujo ele está envolto. Cabendo ainda muitas pesquisas a esse respeito.

REFERENCIAS

ALVAREZ, M. C. & PRADO FILHO, K. Michel Foucault: **A obra e seus comentadores (levantamento bibliográfico)**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 197-246, outubro de 1995.

BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BRASIL. Secretaria de Educação, **Fundamental.Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.126p.

CORREIO, Lisiane Priscila Roldão Selau. **O panóptico virtual: dispositivos de vigilância eletrônica. Gestão Contemporânea**, Porto Alegre, n. 8, p.175-191, jul. 2010. Semestral. Disponível em:

<<http://seer2.fapa.com.br/index.php/arquivo/issue/view/3>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

FRANCO, Claudio de Paiva. **A Plataforma Moodle como Alternativa para uma Educação Flexível**. Revista Educaonline, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2010. (ISSN: 1983-2664)

_____. **O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês: além dos limites da sala de aula presencial**. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras / Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2009. 278 p.

FOUCAULT, Michel. **SURVEILLER ET PUNIR: NAISSANCE DE LA PRISON**. Paris: Gallimard, 1975.

_____. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004

GODOI, Christiane Kleinubing; XAVIER, Wlamir Gonçalves. **Panopticon Acadêmico**. Revista Gestão & Planejamento (g&p): Fórum temático: A mercantilização do substantivo, Salvador, v. 11, n. 1, p.92-103, jan. 2010. Semestral. Disponível em:

<<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/issue/view/97>>. Acesso em: 05 jul. 2011.

Gore, Jennifer M. **Foucault e educação: fascinantes desafios**. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 9-20.

PEREIRA, João Dantas; SILVA, Karina Bezerra da Fonseca e. **A escola e o controle**. Revista Interface, Natal, v. 1, n. 2, p.83-92, jul. 2004. Semestral. Disponível em: <<http://www.ccsa.ufrn.br/interface/1-2/artigos/6%20A%20escola%20e%20o%20controle.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

SOMMER, Luís Henrique. **A ordem do discurso escolar**. Revista Brasileira de Educação, Canoas, v. 12, n. 34, p.57-181, janeiro de 2007. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a05v1234.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

VALE, Simone do. **Do autômato ao ciborgue: uma cartografia do corpo na passagem da modernidade para o contemporâneo**. Revista Av-audiovisua, São Leopoldo, v. 2, n. 3, maio 2004. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/http://www.revistaav.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=36>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

Bauman, Zygmunt, **Globalização: as conseqüências humanas**, tradução Marcus Penchel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999